

Educação e saúde

Que atenção você daria a esta coluna, se estivesse com dor de cabeça, ou com problemas de visão, ou com algum mal-estar digestivo? Talvez nem chegasse até esta linha. E se, em vez de jornal, isso fosse um livro escolar, e o leitor, um aluno da rede pública de ensino? Que proveito tiraria das lições?

Estas questões básicas voltaram a merecer a atenção dos responsáveis pela rede de ensino público em São Paulo, e deram origem a uma pesquisa cujo resultado é chocante. De fevereiro a julho, 10 equipes de pediatria e 15 de saúde bucal examinaram os 119.850 alunos das escolas públicas da cidade, e descobriram que a maioria deles tinha pelo menos um problema capaz de dificultar o aprendizado. O mais preocupante é que a pesquisa refere-se apenas às escolas públicas da cidade de São Paulo, a mais rica do país. E nas outras, o que estará acontecendo?

Estamos trazendo este assunto para o editorial porque os números da pesquisa são acachapantes e revelam uma política pública equivocada, que esqueceu o lema ‘mens sana in corpore sano’ e não contempla o binômio Educação e a Saúde com uma ação conjunta e/ou eficiente. Será que alguém duvida de que uma criança com nota baixa em saúde, tem muito mais dificuldade para tirar notas altas no colégio?

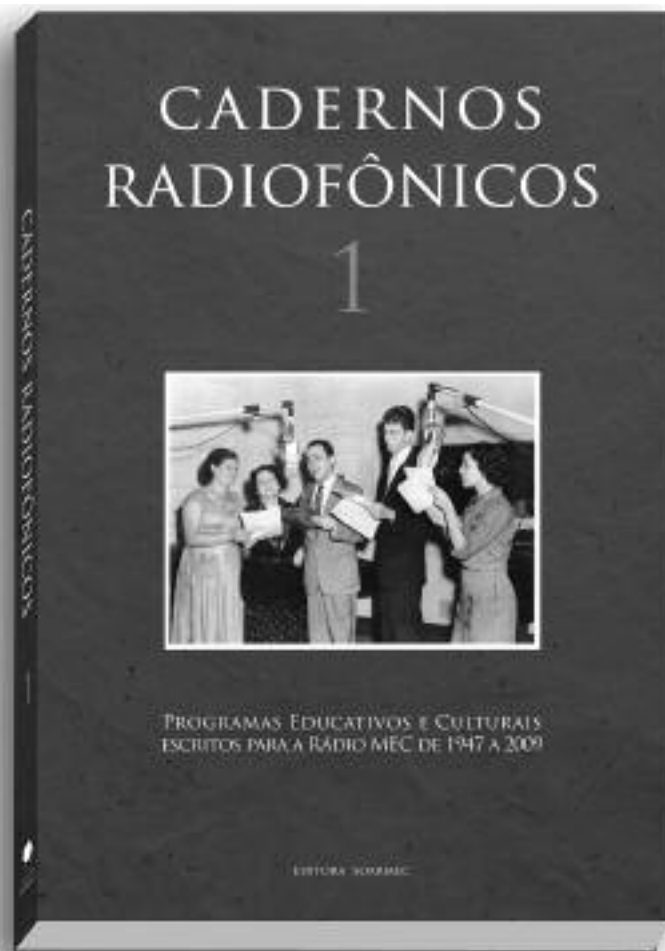
O espanto é maior quando lembramos que, em 1930, o problema já estava devidamente equacionado e motivou a criação do Ministério da Educação e Saúde. Nós, do Amigo Ouvinte, sabemos bem disso, pois foi a esse ministério que, em 1936, Roquette-Pinto (que era educador e médico) doou a antiga Rádio Sociedade. E foi com o nome do ministério a que pertencia – nome que ela tornou famoso e cercou de distinção – que a emissora consolidou sua importância no *dial*.

Esta relação umbilical entre as duas pastas durou 17 anos, até que, em 1953, como se sabe, foi criado um ministério só para a Saúde, tendo o outro passado a se chamar Ministério da Educação e Cultura – nome que depois seria abreviado para o acrônimo MEC.

Não estamos questionando o fracionamento ministerial, mas até onde a separação das duas pastas contribuiu para a ilusão de que elas não estão intimamente ligadas?

O Amigo Ouvinte quer acreditar que a pesquisa paulista fará soar o alarme e que o governo e os ministérios competentes passarão a trabalhar em estreita parceria, estendendo a pesquisa a todo o país, ampliando a abrangência dos exames curriculares e incluindo neles o próprio exame regular de saúde e a necessária assistência médica a todos os jovens estudantes brasileiros.

Raridade bibliográfica



Lançado no dia 29 de julho, no Centro Cultural da Justiça Federal, juntamente com a segunda edição de *O rádio educativo no Brasil*, o primeiro número de *CADERNOS RADIOFÔNICOS* vem com uma seleção de 20 scripts radiofônicos, escritos para a Rádio MEC de 1947 a 2009. Nos originais selecionados há programas sobre literatura, astronomia, artes plásticas, poesia, música erudita, escolas de samba, mitos e história política do Brasil. Os exemplares das publicações, editadas com recursos do FNC, estão sendo doados para professores, bibliotecas, escolas e universidades – página 3.

O rádio lido

Com este título e sob a coordenação de Luiz Carlos Saroldi, a SOARMEC produziu uma série de 10 programas de 30 minutos, cada um deles baseado em um livro do acervo de nossa biblioteca. A série contou com o apoio da Rádio MEC, que cedeu estúdios e o técnico Laerte Afonso. Os programas poderão ser acessados na internet. Saiba mais na página 5.

Em sua oitava edição, o Festival Internacional de Cinema de Arquivo (RECINE) escolheu como tema a radiofonia brasileira. Filmes, debates, palestras, exposições, homenagens a radialistas notáveis e apresentações musicais com veteranas cantoras do rádio fizeram parte do evento, ocorrido em setembro, no Arquivo Nacional – página 8.

Também neste número

Alto-falante	2	O vírus do tum-tum-tchá-tum, por	Obituário e correspondência	11
Ouvinte Permanente	4	Edino Krieger	Websites e CAO.....	11
Entrevista Pedro Paulo Gill	6	TV Brasil, os prós e os contras.....	Programações.....	12



Alto-Falante



DALILA Villa Nova, (foto ao lado, em sua despedida) produtora de *A fina flor do samba*, aposentou-se, compulsoriamente, em julho. Suas crônicas semanais já estão deixando saudades.

PREPARE-SE, ouvinte, porque a Rádio MEC vai mudar de endereço no dial.

A diretoria da emissora tentou manter o consagrado 98,9 e evitar a mudança, mas não obteve sucesso junto a ANATEL (Agência Nacional de Comunicações). O novo endereço, que em breve será divulgado, se fez necessário por questões técnicas. Esperamos que essa mudança contribua para um sinal melhor, sem interferência de emissoras piratas.

O WEBSITE da Rádio MEC está oferecendo, em caráter experimental, alguns programas sob demanda. *Café Concerto, Música de invenção* e programas especiais da MEC AM já podem ser ouvidos na infovia. Para que a idéia se consolide, as emissoras da EBC precisam melhorar o potencial de troca de informações pela internet. Estamos na torcida.

EM OUTUBRO, a MEC FM deu início a uma série de programas dedicados a Heitor Villa-Lobos. Intitulada Villa-Lobos e os instrumentos de sopro, a série está sendo produzida pelo Quinteto Villa-Lobos, e vai ao ar aos sábados, a partir das 22 hs.

A TV BRASIL vai ter uma sociedade de amigos. O primeiro passo dessa iniciativa foi a construção de um Blog <http://amigosdatvbrasil.blogspot.com>. Veja mais sobre a TV BRASIL na página 10.

PROGRAMA de índio é o nome do programa de rádio produzido pelo Núcleo de Cultura Indígena e veiculado pela Rádio USP FM, de 1985 a 1989. Desde abril, todos os programas podem ser escutados no endereço www.programadeindio.org.

A CIDADE da Música, projeto que consumiu 439 milhões, terá participação privada mas também aportes públicos regulares para funcionar. O atual prefeito da cidade garantiu os recursos, baseado em estudo que mostra ser impossível a auto-sustentabilidade do complexo.

CDs e DVDs poderão ter redução de 25% de impostos. Essa foi a proposta aprovada pela Comissão Especial da Câmara, em 5 de agosto. A proposta agora tramitará no plenário da Câmara, e, se aprovada, será votada no Senado.



ENTIDADES que representam empresas de comunicação publicaram, em agosto, uma carta aberta dando conta de seu desligamento da Comissão Organizadora da 1ª Conferência Nacional de Comunicação. Assinaram a carta a ABERT (Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e TV), a ABRANET (Associação Brasileira de Internet), a ABTA (Associação Brasileira de TV por Assinatura), a ADJORI BRASIL (Associação dos Jornais e Revistas do Interior do Brasil), a ANER (Associação Nacional dos Editores de Revistas) e a ANJ (Associação Nacional de Jornais).

A ASSOCIAÇÃO Brasileira de Radiodifusores (ABRA), encabeçada pela TV Bandeirantes e Rede TV, conclamou a ABERT, liderada pela TV Globo, a participar da Conferência Nacional de Comunicação, que será realizada em dezembro. "Este fórum não é político mas está na hora de termos uma visão mais política e menos técnica", defendeu João Carlos Saad, presidente da ABRA.

A 1ª CONFERENCIA Estadual de Comunicação do Rio de Janeiro está marcada para o mês de outubro na UERJ.

ESTÁ NA REDE, desde 14 de setembro, a rádio web da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Coordenada pelos professores Marcelo Kischinhevsky e Soares Jr., a Rádio PUC tem programação veiculada das 9h às 21h. A meta é transmitir 24 horas por dia. A Rádio está abrigada no Portal PUC-Rio Digital (www.puc-rio.br/puc-riodigital) e veicula noticiário produzido pelos estagiários do Portal e pelos demais alunos de Jornalismo da PUC-Rio, além de música.

AS MULTAS por baixar músicas da internet continuam. Desta vez o multado foi um estudante norte americano, condenado a pagar US\$ 675 mil dólares. O processo partiu da Associação da Indústria Fonográfica do Estados Unidos.

O VINIL brasileiro está de volta. A Polysom, única fábrica de discos de vinil da América Latina, fechada desde 2007, foi recentemente comprada pela DeckDisc, que anuncia o retorno da produção regular de bolachões.

O BRASIL é um dos países com menos cinemas. Levantamento em agosto apontou que há, no país, uma sala de projeção para cada 92000 pessoas. Na Argentina, na França e nos EUA, a proporção é, respectivamente, 1 para 40000; 1 para 11000; e 1 para 7500.

DADOS divulgados em agosto revelam que o número de universidades reprovadas pelo MEC aumentou: em 2008, eram 454 (31%), e agora são 588 (36%). Isso significa que cerca de 737 mil alunos, ou seja, a oitava parte dos universitários brasileiros estão em escolas que não passaram de ano.

PESQUISA recém-concluída mostra que, de 2007 para 2008, a taxa de analfabetismo recuou apenas 0,1 % o que fez o índice cair de 9,9% para 9,8%.

O MUSEU da Imagem e do Som do Rio de Janeiro terá nova sede (na foto abaixo o projeto escolhido). O Projeto está orçado em R\$ 65 milhões de reais, dos quais 13 milhões serão destinados somente para bancar a desapropriação do terreno em Copacabana. A nova sede parece dar o respeito devido à memória audiovisual, mas os diretores do Museu ainda não disseram como vão driblar a maresia.



Amigo Ouvinte

é uma publicação da SOARMEC
Sociedade dos Amigos Ouvintes da Rádio MEC.
De Utilidade Pública Municipal (Lei nº 2464),
Estadual (Lei nº 3048) e Federal (portaria 3935)
Prêmio Estácio de Sá 2002
CNPJ 40405847/0001-70
Praça da República 141-A Sala 201 CEP 20211-350
Tel: 2508-8295 e 21177857
www.soarmec.com.br/amigoouvinte
amigoouvinte@soarmec.com.br soarmec@soarmec.com.br

EDITOR-RESPONSÁVEL: Renato Rocha
JORNALISTA-RESPONSÁVEL: Érika Franziska
PRESIDENTE DE HONRA: Beatriz Roquette-Pinto

DIRETORIA:

PRESIDENTE: Edino Krieger
VICE-PRESIDENTE: Carlos Acselrad
TESOUREIRO: José Oscar Santiago da Costa
ATIVID. CULTURAIS: Marlene Blois
COMUNICAÇÃO: Virgínia Palermo
PATRIMÔNIO: Roberto Monteiro
SECRETÁRIO: Renato Rocha
CONSELHO FISCAL: Sérgio Cabral,
Norma Tapajós e Hildebrando de Araújo Góes

COLABORADORES:

SECRETÁRIA: Renata Mello PRODUÇÃO: Adriana Ribeiro,
Alan Vilela, Jaqueline Deister, Nely Coelho, Robson
Santos, Osvaldo Rocha CONTADOR: Júlio Lajchter
REVISÃO: Marly Pimentel DIAGRAMAÇÃO: J.C.Mello

Cadernos radiofônicos

Fotos: Jaqueline Deister



Flagrantes do lançamento durante a leitura de um dos scripts efetuada por Pedro Paulo Coli Gill, José Oscar Santiago, William Ferraz e Gerdau dos Santos.

Uma coletânea de 20 roteiros radiofônicos, inéditos em livro, assinados por gente como Otto Maria Carpeaux, Maurício Quadrio, Paulo Tapajós, Edino Krieger, Luiz Carlos Saroldi e vários outros craques do ofício de escrever para os ouvidos. Datando de diferentes momentos, ao longo de sete décadas, esses textos permitem traçar uma panorâmica do rigor e da seriedade da programação cultural da Rádio MEC, desde quando ela se chamava Rádio Ministério da Educação. Para melhor apreciação dos roteiros, cada página do livro procura espelhar a relação espaço-tempo da lauda radiofônica (segundo a qual, uma página ofício batida com espaço dois é igual a dois minutos e meio de programa). Assim, o leitor terá em suas mãos um livro que lhe dará a oportunidade de escutar com os olhos quase 10 horas de 'radio-lido' de alto nível, com abordagens surpreendentes da vida ou da obra de artistas e escritores, como Machado de Assis, Van Gogh ou Kafka; e apreciações abalizadas da canção napolitana, da valsa vienense ou da música de cabaré.

O texto acima, em itálico, está na contracapa do primeiro volume de *Cadernos radiofônicos*, e resume bastante bem o teor desse livro que é um dos mais importantes produtos culturais já realizados pela SOARMEC. Inicialmente programado para

conter 30 scripts selecionados e um apêndice didático, o livro, por razões orçamentárias, acabou ficando com vinte scripts e sem o citado apêndice, os quais deverão ser publicados no segundo volume.

O livro foi oficialmente lançado no dia 29 de julho, no Centro Cultural da Justiça Federal, no Rio de Janeiro, juntamente com a segunda edição do livro de Fábio Pimentel, *O rádio educativo no Brasil*. No evento, que contou com o apoio de O Lidador, o script *Viagem através de um quadro de Van Gogh*, de Paschoal Longo, foi interpretado por Gerdau dos Santos, Pedro Paulo Colin Gil, William Mendonça e Oscar Santiago, com sonoplastia a cargo Tony Godoy.

Ao pé da página, os interessados encontrarão instruções de como receber nossos livros

Depoimentos

“Que mundo vasto, diversificado e rico de informação cultural tem passado pelas ondas da Rádio MEC! A coletânea do primeiro dos Cadernos Radiofônicos nos dá conta dessa grandeza. Parabéns a vocês da SOARMEC que editaram esse belo acervo esquecido”

Saturnino Braga

“Cadernos Radiofônicos 1 foi uma ideia genial. Além de acompanhar parte da história da Rádio MEC, o leitor tem um encontro com a diversidade cultural, que sempre pautou a emissora. Que venham os 2, 3, 4...”

Erika Franziska Herd Werneck

“Cadernos Radiofônicos 1” – uma obra indispensável para os que desejam conhecer a linguagem do Rádio, os mistérios do escrever sem imagens e fazer aflorar emoções no ouvinte, fazendo-o co-autor da criação. Que venham outro Cadernos!”

Marlene Blois

“Recuperar e registrar a memória nacional é imprescindível para a afirmação da cultura brasileira. A publicação de Cadernos Radiofônicos faz isto, preenchendo lacuna significativa na historiografia do rádio brasileiro.”

Luiz Ferraretto

Educação a distância ou à distância?

O primeiro livro editado pela SOARMEC, *O rádio educativo no Brasil*, agora em segunda edição, traz uma explicação introdutória, fruto de detalhada pesquisa, sobre o fato de não adotarmos a crase na expressão ‘educação a distância’. Recentemente, em sua coluna no jornal Folha de São Paulo, o professor de português Pasquale Cipro Neto tratou do assunto. Caso a coluna tivesse sido publicada antes do lançamento da segunda edição do livro, teríamos retificado as informações de nosso texto, uma vez que, segundo o professor-colunista, o uso da bendita crase é opcional. Em suas próprias palavras: “Vamos deixar claro, pois: o acento indicador de crase é opcional na expressão adverbial feminina ‘a / à distância’, como atestam os diversos exemplos clássicos e modernos e as abonações de gramáticas, guias de uso, manuais e dicionários (Houaiss, Aurélio etc.)”



Para receber gratuitamente um exemplar de nossos livros basta enviar à SOARMEC o valor correspondente a taxa de remessa de uma carta registrada: R\$ 7,00 (sete reais por livro). Faça um depósito



na conta do Banco Itaú, Agência 0684, C/Corrente 13953-8 e depois informe por e-mail soarmec@soarmec.com.br, ou via fax: (21) 25088295, indicando o endereço do destinatário.



O Ouvinte Permanente

Nós também adoramos um som, entende?

Carlos Acelrad

Em 1928, George Gershwin – já celebridade – visitou a Europa. Em Viena, que ainda se abanava dos calores dodecafônicos provocados por Schoenberg, foi recebido como tal. Alban Berg, também celebridade, um dos três pilares do atonalismo-dodecafonismo-serialismo, organizou um conjunto de câmara para brindar o ilustre americano com uma execução doméstica da sua *Suíte Lírica* que, para os ouvidos do ilustre americano, deve ter soado como algum problema com a afinação das cordas aliado a falta de ensaios. Porém, entre constrangido e desvanecido, disse ter gostado muito. Não teve dúvidas em se dirigir ao piano para tocar alguma canção sua mas, antes que começasse, Berg lhe diriu um olhar severo e disse: “Sr. Gershwin... música é música”. Trata-se, é claro, de uma arrogante simplificação. Hoje, 100 anos depois do desaparecimento de Mahler e, com ele, a suposta morte da tonalidade, debatemo-nos – e agora mais do que sempre – num revolto mar de dúvidas e perplexidades: o que é e o que não é música?

A propósito do Dia internacional da Radiodifusão, neste mês de setembro, sejamos permitido comemorar com o tradicional “salve ela” (bom lembrar que salvar tem três significados: emitir salvas de palmas ou tiros, guardar documentos ou preservar a existência de algo ou alguém em risco). Outrossim ocorre pensar: o que estamos radiodifundindo? Dar-nos-emos por satisfeitos em saber, como diz a vinheta, que a Rádio MEC FM é “a estação de música clássica do Brasil”? É verdade que, em meses recentes, a simples retransmissão de música clássica veio enriquecida por uma série de bem produzidos programas sobre Schoenberg e outra sobre Stravinsky, além do original *Música das Américas* e os aqui já citados *Tempos Modernos* e *Mosaico*. Impossível não lembrar daquele horário reservado à nossa música contemporânea cujo título, de exemplar criatividade, vinha anunciado como “a música clássica do Brasil produzida e comentada em entrevista e depoimentos de compositores brasileiros em... *Compositores Brasileiros!*” O horário continua realmente dando voz a obras e palavras da geração contemporânea,

porém limitado a entrevistas burocraticamente insossas temperadas pelos chavões de agradecimentos mútuos. Dispensemos aqui o conteúdo propriamente musical de comentários (que seriam quase sempre ácidos). Mas eis que surge a nos provocar a Cultura FM de SP: o excelente *Supertônica* (terças, meia-noite) que faz o mesmo, mas de maneira (vá lá um bom lugar comum) instigante. Em recente produção o personagem era um inacreditável (este adjetivo vem sendo abusivamente usado nesta coluna; mas o que fazer? Acreditar?) e assim alegado compositor paulista militante da área chamada eletro-acústica. A própria MEC FM já nos dera a conhecer um trabalho seu. Ao fim da execução ficara no ouvinte a sugestão de título cabível, algo como “obra para fita magnética, britadeira, molas enferrujadas e entulho”. Agora, graças ao espírito investigativo mas sem preconceitos do programa, ficamos sabendo que o autor da obra (não mais tão contemporânea – é de 83) foi bolsista durante três anos no Conservatório de Paris (!!) após curso de extensão universitária como ouvinte, tendo antes tocado contrabaixo na noite.

Ambas as instâncias nos interessam: o caráter meramente informativo no trato com música brasileira de hoje e a falta de caráter da música propriamente. É evidente que, felizmente, temos nossos grandes compositores; mas é também evidente a universalidade destas preocupações sobre os caminhos atuais do que se chamava música. No mesmo *Supertônica* encontramos “novas” correntes de compositores cuja energia elétrica já ultrapassou as tradicionais tomadas – é Música Espectral (“coisa assim de gente que adora som, entende”). Há músicos que se propõem chamar o que fazem, modestamente, não mais de música, mas de arte sonora. Menos mal. Mesmo assim, não nos pareceria absurda nem arrogante a vontade de lançar um olhar severo sobre o compositor e dizer como Berg – música é música.

Fonte de consulta: Alex Ross, *The rest is noise*
e-mail para protestos: acsel39@gmail.com

Comparação Cínica

Ruy Castro

Se alguém quiser passar uma temporada no inferno sem sair de casa, basta ser vizinho de um baile funk. Todos os que já se viram condenados a tal destino -e, por causa dele, consideraram a ideia de trucidar alguém ou de se matar- sabem disso. O apartamento treme, as janelas vibram, os vidros trincam e os órgãos do infeliz parecem desprender-se dentro do organismo.

Não adianta aplicar algodão às orelhas, trancar as janelas, calafetar as frestas e ligar o ar-condicionado -o batidão entra do mesmo jeito, produzido por 64 subwoofers alimentados por um sistema de 30 mil watts. São eles que levam aqueles graves para bairros inteiros.

A lei estadual que restringia a realização de bailes funk no Rio acaba de ser revogada pelos deputados. Com isso, eles revogaram também uma outra lei, muito mais universal e antiga: a do silêncio. Ninguém dorme antes de 5 da manhã nas proximidades de um baile funk.

Quem é contra o baile funk é chamado de preconceituoso, e seus defensores cometem o cinismo de compará-lo ao samba, que, um dia, também foi perseguido. De fato, no começo dos anos 1910, segundo uma célebre história, o sambista Donga teve seu pandeiro tomado pela polícia. Pois, queixando-se ao senador Pinheiro Machado, então o homem mais poderoso da República, Donga ganhou um pandeiro novo, autografado pelo político. Tempos em que, apesar de "perseguido", um sambista tinha acesso a alguém tão importante.

O samba era malvisto por sua associação inicial com o candomblé. Diluída ou desfeita essa associação, restou a música, produzida desde sempre por um grupo acústico de flauta, violão e cavaquinho, adorada pelo Brasil e ideal para embalar insones em serenatas. E sua beleza nunca precisou de 64 subwoofers para se fazer ouvir.

(publicado originalmente na Folha de São Paulo)

História das ideias políticas

Nosso associado **Saturnino Braga** acaba de lançar seu último livro *O curso das ideias*, uma história condensada da evolução das ideias políticas no mundo e no Brasil. Não se trata de um trabalho acadêmico, mas de um livro simples, destinado ao cidadão comum, feito com o propósito de motivá-lo para o debate político. Segundo suas próprias palavras, a intenção do autor, político com mais de 40 anos de mandatos diversos, sempre interessado em filosofia política, foi dar uma contribuição para desenvolver o interesse do cidadão pelo debate sobre as ideias políticas como meio de aperfeiçoar o nosso sistema democrático, hoje tão desacreditado.



Dez livros, dez programas nota dez

Radiofonizar a literatura radiofônica, ou seja, transformar livros que abordam assuntos radiofônicos em programas de rádio – esse o desafio que a SOARMEC enfrentou ao produzir a série *O Rádio Lido*. Para produzir os 10 programas – baseados nos livros cujas capas ilustram essa página –, contamos com o auxílio luxuoso do veterano Luiz Carlos Saroldi, que não só coordenou e supervisionou todas as etapas da realização, como dirigiu as gravações e orientou toda a equipe de produção.

A escolha dos títulos

O critério para a escolha de apenas 10 títulos – entre as centenas de volumes importantes que compõem o acervo da Biblioteca Tude de Souza –, foi o de trabalhar com livros que contassem um pouco da história do rádio brasileiro, uma história ainda pouco conhecida mesmo pelos estudantes de comunicação. Além das gravações pertencentes ao arquivo da Tude de Souza, alguns dos registros sonoros utilizados na série – depoimentos de personalidades e trechos de programas antigos – vieram do acervo de Luiz Carlos Saroldi, agora somados ao material disponível para consulta na Biblioteca.

A equipe

A produção dos programas ficou a cargo da dedicada equipe de estagiários da

Foto: Jaqueline Deister



No estúdio da Rádio MEC, o técnico Laerte Afonso opera a mesa enquanto Oscar Santiago, Luiz Carlos Saroldi, Robson Santos e Demarie Enriques gravam suas falas.

SOARMEC – Jaqueline Deister, Robson Santos e Alan Vilela, todos estudantes de comunicação e arquivo –, e também da produtora e atriz Nely Coelho, especialmente contratada para o projeto. Adriana Ribeiro e Oscar Santiago, produtora e diretor da SOARMEC, também participaram das gravações, bem como a experiente produtora da Rádio MEC, Demarie Henriques. Além desse time, Luiz Carlos Saroldi também atuou como locutor.

Transmissão e distribuição

Os programas já estão sendo transmitidos às segundas-feira, na MEC AM, em dois horários: às 7hs e às 21hs.

Em breve a série estará disponível para download gratuito no www.radioeducativo.org.br – endereço que recebe mais de mil visitantes/mês e onde os programas poderão ser ouvidos e utilizados pelos professores, estudantes, radialistas e demais interessados.



Visite a Biblioteca Tude de Souza. Praça da República, 141-A, Centro, Rio de Janeiro.
Aberta de segunda à quinta feira, das 13:00 às 17:00 horas.

A Rádio do meu tempo

Pedro Paulo Colin Gill

Quando pedimos ao produtor veterano da Rádio MEC que nos concedesse uma entrevista para registarmos suas muitas histórias, ele, antes de nossa conversa, escreveu um texto inspirado no nome desta sessão – “Rádio do meu tempo”. Nesse texto ele descreve, entre outras coisas, uma relação profundamente afetuosa com o veículo rádio, que entrou em sua casa na década de 1940, para nunca mais perder o lugar entre seus mais caros interesses, como poderão perceber nessa entrevista.

Quais foram seus primeiros contatos com o rádio?

As madrugadas do rádio: não existia nada igual. Porque o meu rádio, enorme, 12 válvulas, com mostrador policromático, eu apagava a luz da sala e ficava aquele lusco-fusco, aquilo tudo iluminando, colorido, um silêncio. E eu ouvia baixinho as músicas da madrugada. Às vezes do estrangeiro. André Kostelanetz, as músicas chamadas de fantasia.... Janela aberta, porque não tinha ladrão. O silêncio era quebrado pelo apito do guarda noturno. Quando morava no subúrbio era o trem de carga que passava de madrugada. Isso ficou na medula. Isso era o rádio do meu tempo.

E como você passa de ouvinte a produtor?

Eu sempre gostei muito de rádio. Na minha casa, de jornalistas, o rádio era fundamental. O meu tio, Rubem Gil, foi secretário da Casa dos Artistas durante 30 anos, de 1920 a 1950, quando ele faleceu. O presidente da Casa dos Artistas na ocasião era o Floriano Faissal. E eu lá estava e ficava admirando os artistas de rádio, de teatro, de cinema, que freqüentavam a Casa dos Artistas. O Floriano era muito amigo do meu tio. Ele mexia muito comigo, me chamava de judeu. Vinha com aquele jeitão dele: “Ô judeu, vem cá, senta aqui, lê esse texto”. Porque ele precisava de meninos para a Rádio Nacional. E aí aconteceu o fato de nós irmos lá e fazer um programinha que era radioteatro, e eu fazia um menino. Mas eu estava muito nervoso, aquilo era uma coisa brutal, em 1949. Aí eu peguei o texto e comecei a ler e ele disse: “Não Pedro... não é isso. Deixa eu dizer pra você: o menino é mau caráter, um desequilibrado”. E concluiu com a seguinte frase: “Seja você mesmo”. Aquilo me surpreendeu, mas foi uma vitória porque eu fiz e ele disse: “Viu?, é isso! Você não presta.” E aí começou a coisa.. Logo depois veio uma convocação da Rádio Mayrink Veiga, de uma professora: Maria de Lourdes Alves. Ela estava selecionando meninos e meninas do Ginásio para um programa chamado *Clube Juvenil*, que seria patrocinado pela Toddy. E nós fomos. Nós, quem?: eu e o Nelson Tolipan. Eu conheço o Tolipan desde 1947. Então fomos, os dois, para a Rádio Mayrink

Veiga. Fizemos um teste com a professora Maria de Lourdes Alves e entramos no Clube Juvenil. Essa foi a nossa estréia no rádio, em 1949. Estamos fazendo, esse ano, 60 anos de rádio. Lá tivemos como mestres alguns colegas que depois encontrei aqui na Rádio MEC, como Allan Lima. O Allan Lima era um dos nossos ensaiadores. O Orlando Prado, também, que era do radioteatro aqui da Rádio MEC; Teresinha Amaio, que estava também começando, que fazia teatrinho nas escolas; Tereza Raquel, que era do Colégio Piedade. Enfim, estava todo mundo aparecendo.

O que você fazia no programa da Mayrink?

A professora Maria de Lourdes me disse: “Pedro, você vai fazer crônica cinematográfica”. Mandou eu ver os filmes e fazer as crônicas. Eu tenho até datilografada a primeira crônica que eu fiz para esse programa, em 1949. Pergunte quem bateu à máquina a crônica para mim: Gianfrancesco Guarnieri. Guardo isso como um tesouro.



Floriano Faissal na Rádio Nacional, em março de 1942, cuidando da correspondência recebida.



Pedro Paulo, na sala da SOARMEC, durante a entrevista

Você continuava estudando?

Nós estudávamos no Colégio Liceu Francês. Terminamos em 1952, e aí já estávamos na Rádio Nacional. A professora conseguiu um espaço na Nacional e o Floriano Faissal nos assumiu integralmente. E aí foi uma delícia, porque eu era o locutor. Eu adorava quando o Cauê Filho, que era da Rádio Nacional, apontava pra mim e dizia: “Entra”. E eu dizia: “Emissoras brasileiras da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, PRE-8”, com erres e esses, imitando o Reinaldo Dias Leme, o Aurélio de Andrade, que estavam convivendo ali com a gente. Foi uma delícia. E o programa foi bem. Ficou até 1954, se não me engano. Aí aconteceram duas coisas que me afastaram um pouco do Rádio. A primeira, uma insistência da família para que eu fizesse concurso para a Marinha. E passei. Mas, nesse ínterim, entre 1949 e 1953, nós freqüentávamos muito a Rádio MEC, também. Como colaboradores. Íamos ouvir o programa do Paulo Santos ao vivo, no quarto andar. Ele fazia uns certames de discos. Muito honestos. Outro programa de jazz que freqüentávamos era o do Silvio Túlio Cardoso. Que era um crítico de jazz do jornal O Globo e fazia um programa na Rádio Globo, que naquela época não era uma grande rádio. Mas o Silvio recebia músicos jazzistas. Em 1951, aconteceu um terremoto para mim, para o Tolipan... todos nós que gostávamos de jazz: veio a orquestra do Tommy Dorsey inteira pra Rádio Tupy. E nós já conhecíamos o pessoal da Rádio Tupy, nos dávamos muito com o Raul Brunini, que era o apresentador. E íamos pra lá assistir o Tommy Dorsey. De repente, na porta do elevador, no terceiro andar da Rádio Tupy, a porta abre e, quem sai? Tommy Dorsey. Nós ficamos parados. E foi só isso. Perdemos a chance de conversar com o Tommy Dorsey por causa do choque emocional.

Os seus interesses então gravitavam entre literatura e música, com ênfase em música norte americana...

Na literatura, porque minha tia era professora, era literata; meu pai também era jornalista, literato, e a gente era iniciado ali, tinha muitas conversas em torno disso. Sempre ocorria uma espécie de sarau na casa da minha avó. Falávamos de tudo, mas principalmente sobre a guerra.

Voltando para a década de 1950, seu relato nos faz ver que havia um grande contato entre produtores de diferentes emissoras de rádio. Vocês freqüentavam várias emissoras...

Raul Brunini, Luis Brunini, da Rádio Roquette Pinto, que foi a antiga Rádio Escola do Distrito Federa... Estava lá o Miécio Honkis, que foi daqui da Rádio MEC, também. Continuamos indo à Rádio MayrinkVeiga, também. Bom, aí teve aquele interregno da Marinha, fui pra lá. E, é claro, não deu muito certo. Em outubro de 1953 conheci minha futura mulher e me casei, em novembro de 1954. E veio a filharada. Bem, eu tinha que ganhar a vida. Na rádio não dava, porque era sistema de cachê. Então encarei os concursos da vida e passei para a Caixa Econômica Federal, e virei funcionário da Caixa, que era uma autarquia. Era um banco social. Trabalhei na Caixa 11 anos.

Como e por que você voltou ?

No final de 1969. Estava eu caminhando pela Avenida Rio Branco, e quem vem na minha frente? Allan Lima. “Pedro Paulo! Precisava falar com você. O destino botou você na minha frente! Precisamos convocar aquele pessoal do nosso tempo de rádio. Porque a Rádio vai iniciar um projeto de caráter nacional, de educação a distância. Vai se chamar Projeto Minerva, e eu estou na coordenação junto com a Helena Theodoro. Vamos para lá!”. Aí eu fui. Que sorte! Consegui a transferência de Ministérios, porque naquele ano isso foi permitido. Então fui transferido do Ministério da Fazenda para o Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação. Aí eu chorei. Choro até hoje. Foi uma maravilha. Vim para cá. Virei funcionário da Rádio MEC e foi uma realização pessoal. E começamos a fazer programas. Eu vim com o

objetivo de fazer aulas, porque eu já estava formado, já era sociólogo: aulas de Estudos Sociais para o Projeto Minerva. Foi uma honra porque quem era o produtor das aulas de português?: Domício Proença Filho. Matemática: Jairo Bezerra... Bom, aí começamos a fazer, e o Projeto Minerva explodiu. Foi um trabalho muito bonito, foi de princípio de 1970 até 1983. Depois acabou. Acredito que cerca de 2 milhões de brasileiros tenham sido beneficiados.

Quais os programas que você mais gostou de fazer?

Todos eles. Gostava muito de radioteatro. Por causa da Rádio Nacional, da Mayrink... Sorte que, depois, o Floriano Faissal veio para cá para a MEC. No radioteatro, o Dylmo Elias e o Magalhães Graça eram os nossos



Da direita para a esquerda: Nelson Tolipan, Pedro Paulo Colin Gill, professora Maria de Lourdes Alves, não identificado, Luciano dos Anjos, não identificado, em 1949, na Rádio Mayrink Veiga.

ensaiadores. Wanda Costa, Célia Moraes... vozões maravilhosas. O Magalhães Graça chegava a ser tão autêntico que ele botava muxoxos nos artistas que não faziam muxoxos. Ele encaixava de tal maneira... o Magalhães Graça era um gênio. Uma vez eu fui ensaiar com ele um texto da Íris de Carvalho sobre a Favela da Catacumba. Eu disse: “Eu não vou fazer não, Graça” — “Por quê?” — “Porque ninguém vai fazer igual a você”. Quando ele falava “catacumba”, você via a catacumba! Além do radioteatro, eu fazia um programa chamado

Encontros com a Rádio MEC. Aí eu trazia todo mundo da área da literatura, do teatro, das artes plásticas. Várias personalidades. Os locutores do programa eram William Mendonça e Maravilha Rodrigues, que tinha uma voz maravilhosa. Depois fiz o *Song Book*. Era o *Ecos de uma era* com algumas diferenças, e pegou no ouvido dos ouvintes. Está no ar desde a década de 1980.

Você recebe cartas de ouvintes?

Recebo. E às vezes não respondo. O que é uma coisa absurda. E ultimamente, também os e-mails. Recebi recentemente um da cidade de Socorro no interior de São Paulo. Há pessoas que escrevem discordando de meus programas, o que é muito bom. Chegamos a formar um —

clube dos ouvintes do *Ecos de uma era*. Vínhamos para cá nos dias das gravações e depois íamos celebrar. Ainda sobre os programas que fiz, participei também de programas de literatura do Guiaroni, da Cleonice Berardinelli, e do Geir Campos.

Falando os textos?

Falando, dizendo as poesias. Foi ali que eu entrei em contato com muitos poetas.

Nesse momento, além do *Ecos de uma era* você faz o único programa de literatura da Rádio MEC. Fale um pouco sobre esse seu programa.

A idéia do *Expressão literária*, que eu achei ótima, foi da Liara Avelar, e o programa já tem mais de dois anos no ar. Só que eu abri o leque da literatura: agora passou a ser literatura e história, literatura e sociologia, literatura e mito. Nós já estamos com oito programas sobre literatura e mito. Agora talvez a gente vá começar a trazer para entrevistas alguns professores. Ele atualmente tem meia hora e estamos pensando em reduzir para 15 minutos. Há pouco tempo fiz um programa só sobre a *Tabacaria*, poema de Fernando Pessoa. Esse programa vale à pena..

Um em cada dez brasileiros com 15 anos ou mais não sabe ler nem escrever um bilhete simples.

Recine 2009



Poderia ter sido uma exibição de filmes e documentos contando a história de nossa radiodifusão, mas o Festival Internacional de Cinema de Arquivo (RECINE) não trata apenas de difundir acervos. Tecnologias de preservação, métodos e plataformas para um acesso mais amplo aos acervos públicos, e também o futuro do rádio, foram alguns dos assuntos focalizados, entre os dias 21 e 25 de setembro, no Arquivo Nacional. Um dos destaques do Festival foi a exposição montada pela equipe do RECINE em parceria com as rádios MEC e Nacional. A exposição tinha três grandes eixos, um deles contando um pouco da história de Edgar Roquette-Pinto, pioneiro tanto do rádio quanto do cinema educativo no Brasil. Os outros dois traziam históricos e marcos das emissoras MEC e Nacional. O Festival sempre é muito breve, durando apenas uma semana, mas essa exposição poderá ficar itinerante. Instituições interessadas devem entrar em contato com a Rádio MEC.



Foto: Oscar Santiago

Fernanda Montenegro, uma das homenageadas do RECINE 2009.

Galeria Rádio MEC

Altanir Ferreira

fotos: acervo família Altanir Ferreira



Uma das vozes mais requisitadas do seu tempo, Altanir Ferreira trabalhou em várias emissoras, mas principalmente em duas: a Rádio Mundial e a Rádio MEC. Em nossa galeria, o locutor aparece à frente do microfone da PRA 2, de boné e uniforme dos Correios, no programa *Informação agrícola*, e ao lado de dois outros locutores emblemáticos da emissora, Mário Augusto Rocha (foto do meio) e o elegantíssimo Paulo Santos.

O vírus do tum-tum-tchá-tum

por Edino Krieger

Poucos talvez se dêem conta – tal é o grau de contaminação auditiva causada por esse vírus rítmico, que pode ser catalogado com o nome onomatopaico de *Tum-tum-TCHÁ-tum* (para reproduzir o ritmo, basta repetir seguidamente, acentuando a terceira sílaba).

Oriundo de um tipo de música comercial descartável produzida pelas multinacionais do entretenimento musical, esse vírus rítmico tem como transmissores muitos dos chamados DJ's e dos programadores musicais de emissoras radiofônicas, notadamente de FM (que são, vale lembrar, concessionárias do Poder Público e deveriam, por isso, priorizar a difusão da cultura brasileira), e ainda os que produzem as trilhas sonoras de vinhetas comerciais de televisão, a programação musical de festinhas de aniversário e de todo tipo de veículos de difusão sonora. O resultado é a presença avassaladora desse ritmo repetitivo, pobre, elementar como valor musical, em 95 por cento dos meios de comunicação sonora, de norte a sul do país, em qualquer hora do dia ou da noite. Uma verdadeira lavagem cerebral sonora, espécie de entorpecente auditivo que, se não é prejudicial do ponto de vista fisiológico, é profundamente nocivo do ponto de vista cultural, pois impõe um padrão rítmico uniforme e rudimentar que se sobrepõe à riqueza e à diversidade rítmica da música popular brasileira, praticamente ausente da mídia radiofônica e sonora do país. Nos supermercados, em táxis, ante-salas de consultórios, restaurantes, comerciais de rádio e TV, em qualquer lugar onde haja um som musical mecânico, o ouvinte é submetido à tirania do ritmo contaminado. Alguns supermercados se dão ao luxo de criar suas próprias emissoras de FM para transmitir, prioritariamente, músicas baseadas nessa pulsação mono-rítmica, seja em gravações estrangeiras ou produzidas aqui com letra brasileira e o mesmo ritmo importado. Sem falar dos exibicionistas de plantão, que massacram os ouvidos alheios com os super decibéis de seus carros, no trânsito, nas praias, ou em condomínios, vomitando um repertório chulo feito de um ritmo agressivo e de letras vulgares e até pornográficas.

Na verdade, esse tipo de produção musical híbrida que predomina na mídia sonora de hoje nada tem a ver com a rica e diversificada tradição da música popular norte-americana, do negro-spiritual, do jazz, das belíssimas canções românticas ao banjo and fiddle da música country e das maravilhosas big-bands – repertório igualmente ausente da escuta radiofônica de hoje, como o são as canções francesas, italianas e os ritmos latino-americanos e africanos.

Um giro pelas emissoras de TV é o suficiente para revelar a predominância desse ritmo primário, não só em emissoras e filmes americanos, o que é natural, mas em trilhas de novelas brasileiras, em comerciais e até mesmo em emissoras oficiais, como a TV Brasil, a NBR e as emissoras legislativas, cuja programação é prioritariamente dedicada à cultura brasileira, mas que, vez por outra, escorregam na virose rítmica: a paisagem é brasileira mas a música de fundo é americana – por que? O prefixo musical do programa *Conversa afinada* e a trilha sonora da promoção do projeto *Minha casa minha vida*, do Governo Federal, são em ritmo americano – por que? É o gosto contaminado dos programadores das trilhas sonoras, que deveriam ser orientados por quem de direito

no sentido de priorizarem a rica e diversificada rítmica brasileira. Fica a sugestão. Afora os aspectos culturais e de empobrecimento da escuta, vale considerar o volume de recursos que certamente vão para o exterior, quando poderiam ser distribuídos aos compositores brasileiros.

Um dos efeitos colaterais da virose é que ela interfere na produção musical local, criando epígonos e imitadores, muitas vezes produzindo deformações lamentáveis, como testemunhei num programa de TV em que uma toada bem brasileira era cantada pelo próprio autor, mas com uma batida rítmica contaminada que desfigurava totalmente o caráter da música, o que surpreendeu e desnortou o próprio cantor.



Esse tipo de deformação dos padrões originais é constante: numa novela, a música de abertura era um tango argentino, mas o ritmo era totalmente deformado pela batida contaminada da bateria. Pra quê? A justificativa, quase sempre, é a de introduzir um caráter mais jovem, mais moderno – um procedimento inteiramente equivocado, como comprovam dezenas de jovens instrumentistas e compositores da melhor MPB, que mostram que para ser moderno e jovem não há necessidade de desfigurar nem de americanizar o caráter brasileiro de sua música. É o que mostrou também a Bossa-nova, que incorporou influências do jazz em suas harmonias mas conservou o balanço sincopado do samba em seu ritmo moderno, mas bem brasileiro.

É claro que a música popular brasileira se originou do encontro de culturas musicais trazidas pelos colonizadores europeus e pelos escravos africanos, e que aqui sofreram, ao longo dos séculos, um processo de integração, resultando em novos ritmos, novas formas e expressões musicais. Diferente do que ocorre hoje, quando com frequência se vê um simples processo de reprodução, de cópia de fórmulas rítmicas que fazem parte de outra cultura musical. A propósito, já notaram que quase

toda música de igreja, católica ou evangélica, tem por modelo o estilo "gospel" americano?

Essa contaminação rítmica que observo nos meios de comunicação sonora do Brasil parece atingir um nível de globalização. Passei algumas semanas na Alemanha, no ano passado, e procurei conhecer o conteúdo musical das emissoras alemãs e de países vizinhos, sobretudo de FM. Já uns dez anos antes, durante um estágio mais prolongado em Berlim, eu observara o predomínio da música popular americana nas emissoras de rádio, o que se confirmou no ano passado. Afora raras transmissões de música tradicional, a Volksmusik, e de programas de música clássica, ou ainda de músicas típicas de outros países, o rádio alemão, aliás mais falado do que musical, transmite quase que exclusivamente música americana.

Conversei sobre isso com um amigo alemão que morou dez anos no Rio, como professor do Instituto Goethe. "Na Alemanha isso é até compreensível, disse ele. Depois da última guerra, os alemães, principalmente os jovens, perderam a sua auto-estima, o sentimento de nacionalidade – uma espécie de trauma deixado pela guerra. Além disso, nós não temos aqui uma MPA, uma música popular alemã, como vocês têm a MPB. Temos a música tradicional, cultivada em círculos especiais, e importamos a música de consumo – e é claro que os americanos são mestres em vender o seu produto. Não entendo, continua, que o Brasil também importe essa música de consumo, quando dispõe de uma produção própria fantástica, tanto em quantidade como em qualidade e que deveria ser exportada com mais agressividade.

Certamente a culpa não cabe a quem vende, mas a quem compra (com o dizia mestre Koellreutter, o morto é sempre o culpado...) No nosso caso, temos por um lado a voracidade e a competência das multinacionais da música de entretenimento e por outro, a cabeça colonizada de grande parte dos consumidores desse produto, e também a negligência do poder público na defesa e promoção da nossa produção cultural, tudo isso resultando na fragilidade do nosso sistema imunológico e na contaminação crescente por essa virose rítmica que na verdade atinge com maior intensidade os meios de comunicação sonora, com raras e honrosas exceções como as rádios MEC AM, MPB FM, Nacional, Roquette Pinto e emissoras oficiais e universitárias, que certamente reservam um espaço majoritário aos ritmos brasileiros.

Felizmente dispomos de poderosos antídotos, sobretudo nas atividades musicais ao vivo, onde predomina a música popular brasileira de todos os ritmos e todos os quadrantes, nas rodas de samba e de choro da Lapa, com sua floração de sangue novo não contaminado, nos forrós do nordeste e nos bailões do sul, nas duplas sertanejas autênticas (muitas já estão contaminadas, são mais country do que sertanejas), na capoeira e nos afoxés da Bahia, no afro-reggae e no Jongo da Serrinha, e também nos valores e na pujança da nossa música clássica – expressões eloqüentes de uma cultura sonora que se impõe e se fortalece apesar de ignorada pela maioria dos veículos contaminados de comunicação sonora. São os poderosos anti-vírus que, sem xenofobias, garantem a saúde musical deste país.

por Renato Rocha

Só agora, depois que a internet decretou a morte da televisão, tal como a conhecemos – que já tem os dias contados, mas mesmo assim ainda continua, numa espécie de sobrevida, transmitindo por programação horária –, tivemos acesso à surpreendente bula produzida por um fabricante de televisões no EUA, o qual teve uma crise de consciência após ler o arrasador libelo de Jerry Mander (*Four Arguments for the Elimination of Television*, de 1978). Encomendado no início dos anos 1980, o texto não chegou a ser impresso porque o industrial arrependeu-se logo em seguida. Ignorado até recentemente, o documento foi redescoberto graças aos talentos investigativos da reportagem do Amigo Ouvinte, que, num absoluto furo, publica-o, aqui, devidamente traduzido.

TV® (Televisão)

USO AUDIOVISUAL ADULTO, PEDIÁTRICO E GERIÁTRICO

APRESENTAÇÃO

TV® é acondicionada em embalagens de vários formatos e dimensões, também chamadas consoles, que abrigam um aparelho de rádio com alto-falantes de baixa fidelidade, um tubo de raios catódicos, ou CRT, uma tela revestida de fósforo, também de dimensões variadas, e botões de controle.

COMPOSIÇÃO

Cada polegada de tela de TV®, ativada, contém centenas de pontinhos fosforescentes que piscam 30 vezes por segundo para compor uma parcela da imagem total, imóvel como uma foto, que se sucede, rapidamente, e cujos milhares de diminutos pontos coloridos são reagrupados pelo cérebro humano em uma imagem completa e animada.

INFORMAÇÃO AO PACIENTE

TV® possui em sua fórmula um poderoso inibidor de imaginação, pois o fulgor cintilante provocado pela pulsação veloz dos milhares de pontinhos fosforescentes já descritos, tem alto poder hipnótico. Por conta dessas propriedades, TV® é altamente indicada para distrair as pessoas de seus problemas, incentivar a passividade nos hiperativos e inibir a imaginação dos muito imaginativos e mesmo delirantes. Apesar de seu amplo uso, adulto e pediátrico, TV® é uma droga especialmente indicada para pessoas de idade avançada. A experiência também comprova sua grande eficácia suplementar na convalescência de doentes, em casa ou no hospital.

POSOLOGIA

As doses indicadas variam de acordo com a idade e o grau de tolerância aos componentes da fórmula. Não deve ser administrada durante as refeições.

Crianças até três anos de idade – TV® não é indicada para essa faixa etária, pois este é o período em que o cérebro se desenvolve mais rapidamente e ainda não possui defesas para os estímulos gerados pela rápida superposição de elementos visuais. Pesquisas médicas asseguram que, nessa idade, o perigo maior não é o conteúdo audiovisual, mas a referida superestimulação, que não favorece o desenvolvimento harmônico do aparelho psicossensorial e pode gerar, entre outros efeitos indesejados, retardo na fala.

Crianças de três a sete anos de idade – A administração deve ser feita em doses mínimas e na presença de um progenitor ou pessoa responsável, pois a dependência precoce começa a se instalar nessa faixa de idade. É também nessa faixa que os conteúdos inadequados começam a provocar sequelas.

Pesquisas indicam que cada hora passada diante do aparelho faz com que crianças em idade escolar ou pré-escolar aumentem suas chances de desenvolver problemas de déficit de atenção e confusão mental.

Crianças de sete anos em diante – Recomenda-se uso moderado e intercalado com brincadeiras e exercícios físicos. Testes de calorimetria efetuados para determinar o consumo de energia entre pessoas sentadas sem fazer nada e pessoas assistindo TV, revelaram que os telespectadores consomem 10% menos energia do que o outro grupo. Assim, por estimular a passividade, o uso mal monitorado de TV® pode acarretar problemas de desenvolvimento muscular e crescimento. Outros problemas decorrentes são: agressividade infantil, distúrbios do sono, impulsividade, impaciência, dificuldade de concentração e atrofia da imaginação

Adultos – O uso adulto de TV® é amplamente indicado nos casos de isolamento, encarceramento e hospitalização, e especialmente indicado para as pessoas insones ou com baixa exigência cognitiva. No entanto, embora mascare momentaneamente os sintomas de ansiedade, fadiga e prostração, o uso continuado pode tornar crônicas estas mazelas.

Paciente idosos – não existe na literatura relatos de contra-indicação ou advertências contra excesso de uso.

SUPERDOSAGEM

Diferentemente do tabaco e da música – onde os ouvintes e os fumantes são ativos e passivos –, as emissões televisivas produzem apenas espectadores passivos e cada vez mais imóveis, física e mentalmente. Os efeitos mais frequentes da superdosagem prolongada de TV® são: hipotonia muscular, obesidade, alienação (alheamento), laconismo, preguiça mental e distanciamento do mundo real.

EFEITOS COLATERAIS

O uso continuado de TV® cria uma atitude mental passiva que facilita o cerceamento da liberdade de opinião e favorece o controle autocrático, pois o usuário de TV® vai sendo subliminarmente treinado a não reagir e se entregar ao fluxo da programação. Além de provocar dependência mental e síndrome de abstinência, TV® pode também provocar reações neuro-fisiológicas, como crises de epilepsia em pessoas sensíveis ao efeito estrobo, pois sua fosforescência é similar à do estroboscópio.

SIGA CORRETAMENTE O MODO DE USAR. AO NOTAR QUALQUER DOS SINTOMAS ACIMA INDICADOS, PROCURE ORIENTAÇÃO DE UM ESPECIALISTA.

Nosso informativo não tem a missão de cobrir assuntos televisivos, mas, no caso da TV Brasil – expressão que se impôs ao próprio nome da Empresa Brasil de Comunicação – a coisa é diferente, pois a EBC engloba também estações de rádio, entre elas a Rádio MEC.

Há um ano, o Amigo Ouvinte publicou um caderno especial sobre o projeto e sua implantação, com o resumo da MP398 (que criou a EBC); e transcrições da Carta de Brasília e de artigos do Observatório do Direito à Comunicação e da Íntegra Brasil; além de uma longa entrevista com Orlando Guilhon, que dirigia a Rádio MEC, na época. De todos esses itens, a Carta de Brasília é, sem dúvida, o mais importante.

Redigida por representantes da Sociedade Civil, que formularam o documento tendo em vista a criação de uma rede de TVs – pública, independente, democrática e apartidária –, a Carta constitui uma declaração de intenções sólida, libertária e integradora. Ela, por si só, já avalia a existência da TV Brasil – mesmo os críticos mais empedernidos têm que admitir que um projeto que leva à criação de um documento de tal calibre, não pode deixar de ter algo de muito honesto, em sua raiz.

Um ano

Apenas 365 dias é pouco tempo para que se possa avaliar o desempenho de uma empreitada inédita como a da TV Brasil, mas, mesmo assim, a grande mídia acha que ela já durou muito e, quase sempre, desanxa a EBC, pedindo até o fechamento, puro e simples, da empresa – que classificam como “elefante branco” e “cabide de emprego”. Mas a grande mídia não critica a programação indigente das TVs abertas ou fechadas, nem pede o fechamento delas. Apesar de concordar com algumas das críticas feitas, os Amigos Ouvintes continuam acreditando nas possibilidades do projeto – a única tentativa, nas últimas décadas, de influir nos rumos da mídia eletrônica brasileira, e promover um diálogo cultural entre as muitas identidades do país. Sendo assim, reafirmamos que:

- apesar de não ter sido criada por Projeto de Lei, seguimos acreditando que a coisa pode dar certo;
- apesar de ser vinculada à SECON, seguimos acreditando que a coisa pode dar certo;
- apesar de ter vários conselheiros nomeados pelo presidente da Repú-

blica, seguimos acreditando que a coisa pode dar certo;

- apesar de ter perdido 6 dos 15 conselheiros originais, seguimos acreditando que a coisa pode dar certo;
- apesar da saída de 3 diretores vinculados ao MinC, o que aumenta mais o controle da SECON, seguimos acreditando que pode dar certo;
- apesar do presidente do conselho curador, Luiz Gonzaga Belluzo, entregar o cargo, continuamos acreditando que a coisa pode dar certo;
- apesar de ainda ter alcance reduzido na TV aberta e pouco audiência, continuamos acreditando que a coisa pode dar certo;
- apesar do nome TV Brasil, continuamos achando que o projeto vai contemplar também as estações de rádio subordinadas à EBC;
- apesar do ainda pequeno orçamento (350 milhões anuais), continuamos acreditando que a coisa pode dar certo.

Não, caro leitor, nosso jornal não teme ser acusado de ingenuidade ou adesismo ao fazer essas afirmações. Sabemos que as coisas são mesmo muito difíceis: além de a tentativa ser pioneira, a existência de uma rede de radiodifusão que privilegie a cultura brasileira contraria fortes interesses, dentro e fora do governo. O que nos leva a endossar a empreitada, além do projeto integrador e iluminista – que, entre outras coisas, deu existência a um Conselho Administrativo e a uma Ouvidoria, e, futuramente, dará existência a uma sociedade de amigos (leia a respeito em nosso site) –, é justamente a existência da Carta de Brasília. Acreditamos que a carta esteja para a TV Brasil assim como a Consuição Federal está para o país: quanto o mais o Brasil e a EBC se aproximarem desses textos, melhor será.

Pesquisa recente do DATAFLOLHA

constatou que um terço da população (34% dos entrevistados) conhece a TV Brasil. A pesquisa, que ouviu 5192 pessoas em todas as regiões do país, revela que 10% da população é espectadora do canal, o que corresponde a 19.150 milhões de pessoas, com um índice de 80% de aprovação. Outro dado é que 64% sintoniza a TV Brasil por antena parabólica ou TV por assinatura. A dificuldade de sintonização foi apontada por 42% dos entrevistados como motivo para não assistirem ao canal.

Obituário

Sérgio Viotti (1927-2009), faleceu no final de julho, em São Paulo, cidade onde nasceu. Ator, escritor, diretor, tradutor, dramaturgo, produtor de programas radiofônicos, crítico de teatro, dança e ópera, Viotti era mais conhecido por seu trabalho na TV, mas também teve uma importante atuação profissional no rádio, como ator, diretor e produtor.

Sua história no teatro começa na segunda metade dos anos 1940, quando vem para o Rio de Janeiro e estréia como ator em 1949. Entre 1949 e 1958 vai para Londres, Inglaterra, e trabalha na rádio BBC. Lá, entre outras atividades, gravou peças para transmissão radiofônica e trabalhou com a atriz Madalena Nicoll no Arts Theater Club, onde dirigiu três monólogos. De volta ao Brasil, dá continuidade ao seu trabalho no rádio. Na década de 1960, firma-se como ator e diretor. Em 1969, recebe convite da Rádio MEC para produzir e dirigir uma série de radiopeças, assim nasce o programa *Teatro Sérgio Viotti*, que foi ao ar durante o ano de 1970, totalizando 60 programas com aproximadamente 30 minutos cada. Quase todas as peças veiculadas eram adaptações de grandes clássicos do teatro e da literatura, mas também foram gravadas peças do próprio Viotti, como “Uma mentira puxa a outra” e “A mais bela mulher do mundo”. Em 1972, assumiu a função de Diretor Artístico da emissora.



Foto: Acervo Rádio Nacional

Nelson Pérez (1918-2009), mais conhecido como o **Bob Nelson**, morreu no dia 28 de agosto. Ele foi o primeiro artista brasileiro a misturar o ritmo caipira com o country americano. Começou a carreira artística cantando em bailes e rádios. A partir do início dos anos 40, inspirado nos filmes de Gene Autry, passou a se caracterizar como tirolês-caubói. Mais tarde, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou na Rádio Nacional e participou de filmes. Um de seus maiores sucessos foi *Ó, Suzana*, versão da música popular do século XIX, escrita por Stephen Foster. Aposentou-se da Rádio Nacional em 1976.

Foto: Livia Rosa



Correspondência



Prezados, no jornal Amigo Ouvinte, foi citado com entusiasmo o aumento da potência da rádio MEC. Eu fiquei muito contente pois na minha cidade (Barra Mansa-RJ) o sinal da rádio MEC é muito fraco. Cadê o aumento da potência? O som pela Internet é muito ruim parece que está sendo processado dentro de uma lata. As emissoras evangélicas gritam no nosso ouvido e as que realmente tem qualidade na programação sussurram com chiados nos nossos ouvidos. Pelo amor

de Deus façam alguma coisa e rápido. Abs, **Antônio Alberto de Andrade**. Por e-mail.

Resposta: *Caro sr. Antônio, Orlando Guilhon, Superintendente de Rádios da EBC (Empresa Brasil de Comunicação), nos garantiu que os novos transmissores já estão comprados, e que, ainda este ano, serão finalmente instalados. A primeira previsão de data para essa instalação era setembro. Assim como o sr., estamos ansiosamente aguardando essa*



mudança, para melhor, da potência da Rádio MEC.

Ainda sob emoção, apraz-me enviar calorosas congratulações, motivo brilhantíssimo êxito alcançado lançamento Cadernos Radiofônicos em 29 de julho corrente ano no Centro Cultural Justiça Federal que vem demonstrar competência da SOARMEC ora sob presidência ilustre maestro Edino Krieger. **Mário Dias**, por telegrama

NÚMEROS DOS WEBSITES

Registrados de 1 de junho a 2 setembro de 2009

www.radioeducativo.org.br

Total de vistas:	3.564
• Média diária:	37,91
• Página mais visitada:	
Biblioteca	539
• Downloads:	
O Rádio <i>Educativo no Brasil</i>	
(Fábio Pimentel)	283

www.soarmec.com.br

Total de visitas	5.843
• Média diária	62,16
• Páginas mais visitadas:	
Entrevista com Sérgio Viotti	266
CDs do selo Soarmec	255
Biblioteca	222

NÚMEROS DA CAO

Tabulação feita por Renata Mello, com base nos relatórios semanais da Central de Atendimento ao Ouvinte (tel: 21177853), de 1 de junho de 2009 a 31 agosto de 2009.

Total de ligações: 3201 em 92 dias, numa média de 34,79 ligações por dia

MEC AM

Total de ligações	1617
• Inf. e Sugestões	220
• Sol. cópias	7
• Programas	568
• Promoção	291
• Elogios e críticas	47
• Outros	484

MEC FM

Total de ligações	1584
• Inf. e Sugestões	453
• Sol. cópias ou grades	9
• Programas	628
• Promoção	249
• Elogios e críticas	119
• Outros	126

